



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

VALDECI RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

**“NASCER, CRESCER, MORRER, RENASCER ESSA É A LEI”:  
ARLINDO COLAÇO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO  
(1907 - 1957)**

Campina Grande

2017

VALDECI RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

**“NASCER, CRESCER, MORRER, RENASCER ESSA É A LEI”:  
ARLINDO COLAÇO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO  
(1907 - 1957)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Licenciatura plena em História.

Área de concentração: História

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

Campina Grande

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Santos Junior, Valdeci Rodrigues dos.  
Nascer, crescer, morrer, renascer, essa é a lei: Arlindo  
Colaço entre a memória e o esquecimento (1907-1957)  
[manuscrito] / Valdeci Rodrigues dos Santos Junior. - 2017.  
46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque  
Gaudêncio, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História. 2. Memória. 3. Paradigma indiciário. 4. Arlindo  
Colaço.

21. ed. CDD 909

VALDECI RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

**NAScer, CRESCer, MORRer, RENAScer ESSA É A LEI:**

**ARLINDO COLAÇO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO NOS ANOS DE  
1907 A 1957**

AVALIADO EM: 06/12/2017

CONCEITO: 10 CDEZ1

BANCA EXAMINADORA:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
PROF. ME. BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO  
ORIENTADOR- UEPB

Jordan Queiroz Gomes  
PROF. ME. JORDAN QUEIROZ GOMES  
Examinador Interno – UEPB

Luiz Carlos dos Santos  
PROF. ME. LUIZ CARLOS DOS SANTOS  
Examinador Interno – UEPB

Dedico este trabalho a Deus que me deu forças, sabedoria e discernimento para finalizar esta pesquisa e, a minha família e amigos (as) que me incentivaram em tudo e fizeram com que eu não desistisse na caminhada até a conclusão. Muito obrigado a todos (as).

## AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente a Deus por quem foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele são todas as coisas; glória, pois a ele eternamente que me deu graça, sabedoria, discernimento e forças para concluir este trabalho. A Deus seja a glória e, minha eterna gratidão.
- Agradeço a minha família que sempre me apoio e, incentivou nos momentos mais difíceis da minha vida e também sempre está ao meu lado nos momentos decisivos e de conquista e, neste momento não foi diferente, pois me incentivaram a continuar e finalizar este trabalho. Muito obrigado a todos (as).
- Agradeço ao meu orientador Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio que me incentivou durante todo o tempo de pesquisa e, muito se esforçou para me ajudar. Um grande profissional e amigo que não abriu mão de me orientar neste trabalho e, que acreditou em mim. A ele meus sinceros agradecimentos.
- Agradeço ao senhor Robério Colaço e dona Maria Helena que muito me ajudaram com suas entrevistas e disponibilização de arquivos para a formulação deste trabalho. A cada entrevista foi um aprendizado para minha pessoa. A vocês dois meu muito obrigado.
- Agradeço também a seu Osvaldo dono da barbearia da cidade de Alagoa Nova que também me ajudou a entender um pouco da história deste personagem.
- Agradeço também a André Brasil e Assunção, filho de dona Maria Helena que muito também me ajudou assim como a sua esposa a senhora Edilma Araújo e Assunção. Meus agradecimentos ao senhor Marinaldo Faustino que juntamente com André Brasil me permitiu visitar a casa de Arlindo Colaço.
- Agradeço também ao senhor Ubirajara Vieira Costa que muito me ajudou com sua memória sobre o período em que fora vizinho do centro espírita de Alagoa Nova e, cujo doutrinador era Arlindo Colaço. A ele meu muito obrigado.
- Agradeço também a todos os integrantes da família Colaço que se dispuseram em me ajudar e estão felizes por esta história ter seu devido conhecimento. Muito obrigado a todos.

- Agradeço a UEPB por me proporcionar espaço de crescimento e aprendizados que pude refletir e, que se seguiram em toda a minha vida. Muito obrigado.
- Agradeço também a cada professor (a) que tive a oportunidade de aprender durante toda minha graduação e, pude refletir sobre os mais variados temas da história. Muito obrigado a todos (as).
- Agradeço também ao professor Iordan e ao professor Luiz Carlos por participarem da banca examinadora deste trabalho e de que tive o prazer de ser aluno e me deram grandes contribuições. Muito obrigado.
- Agradeço também aos meus amigos de graduação em especial Diego Souza, Sabrina Kele, Géssica de Souza, Ana e Ednalva dos Santos pelo companheirismo e amizade durante todo o curso.
- Agradeço também aos amigos e irmãos que Deus me presenteou pelo apoio e compreensão em todos os momentos. Obrigado a todos (as).

## RESUMO

O presente trabalho procura analisar a memória e esquecimento do político, escritor e líder espírita Arlindo Colaço (1907-1957) na delimitação de Alagoa Nova, especialmente no período de 1945 a 1957, destacando o momento em que o mesmo foi administrador desta cidade até a sua morte prematura. Para isso, realizamos pesquisas em acervos públicos e privados, utilizando-se de fotografias e periódicos bem como principalmente de depoimentos orais. Dentro de uma perspectiva da Nova História Cultural, entrelaçando conceitos e categorias, a exemplo de memória, esquecimento, silenciamento, lugar de memória, enquadramento de memória, procuramos travar um diálogo com autores como Pierre Nora, Michael Pollack, Carlo Ginzburg para conjecturar e, embasar o discurso apresentado. Destaco que, para uma análise mais próxima do real acontecido utilizaremos o Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg ao analisar os indícios e vestígios deixados por Arlindo Colaço ao longo da história.

Palavras-chave: Arlindo Colaço, memória, esquecimento, paradigma indiciário.

## ABSTRACT

The present work seeks to analyze the memory and forgetfulness of the politician, writer and spiritual leader Arlindo Colaço (1907-1957) in the delimitation of Alagoa Nova, especially in the period from 1945 to 1957, emphasizing the moment in which he was administrator of this city until his premature death. For this, we carry out researches in public and private collections, using photographs and periodicals as well as mainly oral statements. From a perspective of the New Cultural History, interweaving concepts and categories, such as memory, forgetfulness, silencing, memory place, memory frame, we try to engage a dialogue with authors like Pierre Nora, Michael Pollack, Carlo Ginzburg to conjecture and substantiate the discourse presented. I would like to mention that, for a closer analysis of the real that has taken place, we will use Carlo Ginzburg's Indiciary Paradigm when analyzing the signs and traces left by Arlindo Colaço throughout history.

Keywords: Arlindo Colaço. Memory. Forgetfulness. Indiciary Paradigm.

## SUMÁRIO

Introdução .....	09
Capítulo 1	
O nascimento do corpo para as manifestações do Espírito na formulação de uma memória.....	20
Capítulo 2	
A morte do corpo e a eternização do espírito. Esquecimento e renascer de Arlindo Colaço.....	36
Considerações finais .....	37
Referências bibliográficas.....	38
Fontes.....	39

## INTRODUÇÃO

Os rastros iniciais destas linhas procuram abordar nos limites históricos o esquecimento do homem de importância política, social e religiosa de Arlindo Colaço (1907-1957), ex-prefeito da cidade de Alagoa Nova-PB<sup>1</sup>, município do Estado da Paraíba e, intelectual desse Estado. Se a História é ciência dos homens no tempo, a este (Arlindo Colaço) os muitos interesses envoltos em sua vivência nas mais variadas áreas trataram de “colocá-lo” no calabouço dos condenados ao esquecimento e na masmorra dos marginalizados da memória, o estudo propõe-se aos meados de 1945, ano em que o mesmo assumiu a prefeitura deste município e, 1957 o ano de sua morte ao propor analisar os “rastros” de seus feitos e, a construção de seu silenciamento ao longo do tempo.

Arlindo Colaço foi um homem impar de sua geração, pois seus feitos ecoam por estados brasileiros como São Paulo e Rio Grande do Sul. Além disso, o mesmo foi influente em temas como o espiritismo visto que, seus escritos denotam a capacidade de reflexão do homem com o Divino onde, seus escritos procuravam relativizar a dominância do Clero da Igreja com suas práticas a seus fiéis e também procurava o debate frente ao Catolicismo, forte que vigorava na Época. Arlindo também foi profundo ao criticar a Igreja Católica no tocante as relações de confissão e, outras práticas ritualísticas e, sendo assim foi percebido como alguém que mesmo morto ainda “falava” através de seus escritos e ideias compartilhadas, segundo amigos próximos e admiradores tais como Cristino Pimentel escritor e historiador campinense, Pedro Bezerra e Luiz Gil, um dos fundadores do *Jornal Rebate* (1932-1960) expressam em escritos como verificados em recortes deste mesmo jornal. Arlindo Colaço era alguém também de profundas atitudes para com o próximo mesmo ocupando o cargo senhor de engenho após a morte de seu pai Zacarias Colaço, além disso, era tido por um homem capaz de despertar o melhor dos indivíduos que puderam se encontrar a sua volta conforme verificado em depoimentos colhidos onde, o mesmo era também doutrinador<sup>2</sup> do Centro Espirita da cidade de Alagoa Nova.

A importância do tema faz-se necessária devido aos seus feitos (rastros) nos convidarem a adentrar esse universo das relações de memória e esquecimento e, perceber

---

<sup>1</sup> Município do Estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião do Brejo paraibano e, de acordo com o IBGE, no ano de 2017 se encontra com população estimada de 20.689 pessoas. Foi emancipada politicamente em 05 de Setembro de 1850 e, foi desmembrada do território de Campina Grande-PB.

<sup>2</sup> No espiritismo é o encarregado de consolar os espíritos que nas reuniões poderiam procurar consolo. Hoje se utiliza mais a categoria de Orientador.

como essa *aceleração*<sup>3</sup> da história faz com que personagens influentes “reneguem” a si mesmo e, também perceber como a memória é seletiva (quem as escolhem e por quê?). Cabe a nós a sensibilidade para perceber esses fatos que aspiram seus espaços e, assim compreender relações de dominadores e dominados, pois se a memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e, a torna sempre prosaica (NORA,1993)

A História como ciência social tem seus métodos, teóricos e reflexões sobre seu(s) objeto(s). Arlindo Colaço vem para mostrar que o indivíduo morto faz sua voz ser ouvida nos feitos que, levam os outros a refletiram sobre si e, suas práticas visto que seus escritos e diálogos ainda que, não aceitos ou marginalizados, tem grau de relevância uma vez que sua voz até então foi “calada” e, o presente trabalho procura dar voz a este personagem e, suas reflexões.

De jovem estudioso do espiritismo a prefeito de uma pequena cidade paraibana, esse é Arlindo Colaço, escritor e intelectual alagoa-novense que mesmo diante de tantos feitos teve sua memória marginalizada na História do município e do país agora nos perguntemos: Por quem? Por quê?. As melhores respostas são as que destroem as perguntas e nos levam a perceber os interesses nos escritos e seus autores. Nessas poucas linhas pode-se perceber que um mesmo fato pode ter várias versões, porém não a mesma interpretação, pois a mente humana nos mostra que conjecturas são possíveis, fenômenos podem ser explicáveis e, rastros podem/devem ser decifrados. Essa decifração se deu por meio de entrevistas, com Maria Helena Brasil e Assunção, e Robério Colaço, ambos primos de segundo grau de Arlindo Colaço, seu Osvaldo de Lima barbeiro da cidade e, que muito contribuiu com o que sabia deste recorte temporal, senhor Ubirajara Costa que quando criança foi vizinho do centro espírita e, nos relatou muitos acontecimentos que ouviu do seu quarto. Foi realizado também, paralelo a esta pesquisa oral um levantamento bibliográfico com pesquisa documental, realizando estudos em arquivos pessoais e públicos efetuando a análise dos fatos e, procurando sua real significação dos envolvidos neste estudo.

O título desta pesquisa é uma adaptação a frase espírita de Allan Kardec ao falar deste caminhar dos homens e, o seu renascer, além disso, se explica também a procura de compreender o nascimento, crescimento e morte deste personagem tanto no aspecto material ou corporal quanto a histórica com o silenciamento<sup>4</sup> de sua memória e, ai também vem uma

---

<sup>3</sup> Segundo Pierre Nora é o efeito ao quais as sociedades são envolvidas pelo rápido avanço do tempo e, sendo assim as sociedades acabam sendo “condenadas” as esquecimento.

<sup>4</sup> Pierre Nora apresenta esse conceito no embate entre a memória dita oficial e, a memória subterrânea que existe, porém muitos se esforçam por deixa-la “encoberta”.

das máximas desta pesquisa, pois seu renascer tem um de seus inícios com esse estudo ao trazer a conhecimento de todos os relatos e feitos na história por Arlindo Colaço e, progredir sempre tendo esta por lei é uma frase atribuída a Allan Kardec <sup>5</sup>de quem o personagem em estudo seguia os ensinamentos. Propõe-se chamar a atenção para o fato de compreender os rastros seguidos/deixados por Arlindo Colaço, prefeito de Alagoa Nova, presidente da Caixa Rural, presidente da Associação Rural cargos que o notabilizaram para o espírito público, além de vice-presidente do PSD<sup>6</sup> deste município onde, muito emprestou seus esforços com sua retórica e, arte reflexiva. Procura-se compreender o seu “esquecimento” na história desta cidade mesmo ele tendo sido prefeito e, por que também não dizer do país uma vez que, seus escritos se encontram na biblioteca espírita de Campina Grande, cidade do Estado da Paraíba e, seus exemplares se encontram em Estados como o Rio Grande do Sul e, outros estados em arquivos e bibliotecas espíritas.

Propõe-se também analisar a influência de sua retórica ao criticar as figuras clericais e, suas práticas aos fiéis, pois ele propunha dar liberdade de pensamento aos homens num intuito claro da profunda reflexão através de seus escritos. O homem colocado por muitos como alguém de espírito de caridade ao próximo, profundo em escritos e, de atitudes capazes de provocar sentimento de nostalgia conforme verificado nas entrevistas realizadas. Doutrinador de linha kardecista era espírita e, como tal foi insistente na busca de ser um indivíduo de prática ascético e também provocador de reflexão frente às práticas do catolicismo vigente do século XX.

A perspectiva teórico-metodológica deste trabalho se encaixa no que se denomina de Nova História Cultural em que a metodologia que se pretende utilizar é o paradigma indiciário com um diálogo com Carlo Ginzburg ao propor tal qual o mesmo fez em seu livro *Mitos, emblemas e sinais* (1989) ao analisar os rastros deixados na história em que seus personagens com muita audácia nos mostra como, por exemplo, utilização do método Morelli para diferenciar pinturas falsas das verdadeiras obras de arte por mínimos detalhes que os falsificadores não se atentavam como o detalhe do desenho de uma mão no quadro e, assim também como fez o Arthur Conan Doyle ao criar o famoso personagem Sherlock Holmes

---

<sup>5</sup> Seu verdadeiro nome era Hippolyte Léon Denizard Rivail(1804- 1869) porém usava o pseudônimo de Allan Kardec é responsável pela codificação das Doutrinas Espíritas e, tido por muitos como o fundador do Espiritismo.

<sup>6</sup> Partido Social Democrático (1945- 1965) fundado por interventores nomeados por Getúlio Vargas onde na Paraíba seu interventor estadual era Rui Carneiro e, em Alagoa Nova Arlindo Colaço era vice-presidente deste partido.

que tinha por uma de suas características analisar os vestígios nos locais de crime por vestígios deixados.

Sendo assim, o presente trabalho propõe analisar os mínimos detalhes desse relato da memória em que o homem da escrita se confronta com o homem da ação neste recorte temporal do século XX e, que também nos fala o Nora(1993) ao dizer que a necessidade de memória é uma necessidade de história. Sendo assim analisar de modo reflexivo a memória em questão é necessário, pois assim pode se perceber nas impressões do passado o combate contínuo do presente com o futuro e, o diálogo dos interesses no que deve ou não ser lembrado.

O presente trabalho é dividido em dois capítulos complementares, onde um apresenta de modo rápido a biografia de Arlindo Colaço, inclusão na vida política e, seus escritos e suas reflexões e, o segundo capítulo propõe-se a analisar o seu silenciamento/esquecimento na história da cidade e, buscar os rastros<sup>7</sup> que os seus feitos nos deixaram de modo a compreender como a memória é seletiva, mas que alguns procuram dar vozes a algumas memórias e, silenciar outras e, nesse silêncio se analisa o espaço que Arlindo Colaço foi “colocado”. A memória<sup>8</sup> enquanto fenômeno construindo nos faz perceber que ela é fundada de ao menos três elementos: Acontecimentos, personagens e lugares e, perceber o jogo de interesses que se faz na história oficial em relação a memória subterrânea é necessário tal qual nos mostra o Pollack<sup>9</sup> ao perceber na formulação do memória oficial a resistência da memória subterrânea.

Esse estudo propõe a busca de fatos/rastros que a História nos fala sobre as primeiras cinco décadas do século XX com destaque para os recortes de 1945 e 1957 no qual apontamos pensamentos, memórias e silêncios que se fizeram passar nestes anos. Se a morte rompe com paradigmas seja ele social ou religioso entender a sua influencia é necessário visto que muitos são os olhos da História, porém poucas as mentes capazes de compreender as suas perspicácias. Entender esses códigos que os rastros nos passam se faz necessário já que o fio tem um início embora muitas sejam as voltas que a agulha faça, ou seja, o início desse perpassar histórico se vai além de escritos “inocentes” já que ela tem um propósito(s). É a busca desse viés que o estudo se embasa visto que, a historia é ciência dos homens no

---

<sup>7</sup> Utilizando o *paradigma indiciário como metodologia*, os rastros como nos fala o Ginzburg nos leva a refletir e, remontar o real acontecido ou ao menos nos aproximar.

<sup>8</sup> Michel Pollack fala que memória e história são distintas, já que segundo ele memória é o vivido aberto em sua dialética e, história por sua vez é uma reconstrução incompleta e problemática que já não mais existe.

<sup>9</sup> Pollack fala também de *enquadramento de memória* no tocante ao delimitar a construção da memória e, esta com intuito nacional/oficial. Ele também nos fala do *silenciamento*, mas não apenas como forma de não mais se recordar e, sim como resistência frente a sociedade e, o que esta impõe.

tempo(ou não) ainda que muitos a tenham por certa é a sua incerteza nos fatos sejam eles falados ou escritos que faz com que os historiadores busquem um algo a mais para justificar a sua assertiva que, nos levar a analisar como o conhecimento é passível de relativização.

Assim como Ginzburg em *O fio e os rastros* (2007) propõe que pelos rastros deixados na História pode se chegar ao conhecimento do real acontecido ou, ao menos muito próximo dele, é aí que reside alguns dos embasamentos desse estudo: entender o código do rastro para se chegar ao conhecimento do real com seus agentes conhecidos/esquecidos que a História e/ou quem a escreve sempre nos traz.

A presente pesquisa mostra apenas os primeiros passos de quem foi Arlindo Colaço e, suas influências na sociedade e, no campo das reflexões já que finalizaram com seu esquecimento na história deste município visto a profundidade e, influência do assunto ainda é viva como notável através das entrevistas. A sua biblioteca segundo relatos colhidos se encontram na cidade de Campina Grande na biblioteca Renascer e, não apenas aí, pois um dos seus livros escritos se encontra no Estado do Rio Grande do Sul, ou seja, o mesmo possui muitos enigmas a serem decifrados e/ou compreendidos. Os seus escritos sempre são recheados de solidão, reflexão e figuras muitas das vezes emblemáticas como as críticas as praticas clericais do Catolicismo de sua época e, que podem ter vários significados partindo de um mesmo acontecimento. Algumas de suas obras estão intituladas de: Confissão Auricular, Nêsse passo eles vão até Honolulu, Baú de turco, Domínio Nefando, Queremos revolução entre outras obras que, mais adiante vamos apresentar algumas características.

Entender a sua atuação política diz respeito também a sua figura de administrador e homem público, pois o mesmo cuidando de seu rebanho trajava-se pronto a ir a algum evento da mais alta estirpe. Além disso, o mesmo é muito bem defendido como alguém que se portava muito bem por ser homem letrado e de reflexões e críticas em seus escritos, mas apontado inicialmente como alguém que não dialogava com o padre da época Monsehor José Borges de Carvalho<sup>10</sup>, mas em fotos de arquivo pessoal o mesmo se encontra dividindo o mesmo palanque com Arlindo Colaço e, não demonstra algo de intrigas ou discordâncias entre eles.

Seu enigma social diz respeito a ser alguém que mesmo como senhor de engenho trazia consigo ares de novidade em relação a sua vivência e, também a sua forma de ver o

---

<sup>10</sup> Foi um padre da época de Arlindo Colaço que se tornou famoso na cidade em virtude de seus duros sermões e, colocado por muitos como um homem de defesa dos princípios tradicionalistas vigorantes desta época. O mesmo tem um colégio estadual com seu nome em sua homenagem na cidade de Alagoa Nova-PB e, também uma estátua em frente a Igreja Católica da mesma cidade.

mundo. Nosso personagem despertou também sentimento de aversão de outros senhores de engenho da época já que o mesmo construiu casas de alvenaria para seus empregados e, assim foi tido por “mau-exemplo” para muitos. Arlindo Colaço desperta ainda sentimento de nostalgia conforme pôde ser verificado nos relatos colhidos e, sempre tinha bons relacionamentos das quais a entrevistada Maria Helena Brasil e Assunção diz que, o mesmo mandava carruagem para buscá-la apenas para ter o prazer de sua companhia para diálogos.

Por fim a sua figura religiosa diz respeito a ser alguém influenciador/doutrinador também no campo da espiritualidade já que o mesmo é colocado como um dos primeiros expoentes da sociedade espírita da cidade e, as fontes orais e documentais nos convidam a adentrar não só neste campo, mas também a refletir sobre as diversas relações de vida, morte, crescimento e continuidade deste personagem analisado.

## **CAPITULO 1: O NASCIMENTO DO CORPO PARA AS MANIFESTAÇÕES DO ESPIRITO NOS CAMPOS POLÍTICO, SOCIAL E RELIGIOSO. ARLINDO COLAÇO (1907-1957)**

### **Nascer...**

Arlindo Colaço nasceu no dia 13 de Janeiro de 1907 no Engenho Bonito em Alagoa Nova-PB, município do Estado da Paraíba, filho de Zacarias Antônio Colaço e Salustiana Costa Colaço, casal que teve oito filhos. Nosso personagem casou-se em 6 de Fevereiro com a senhora Nauta Costa Colaço apresentada por muitos como dama de grandes virtudes, filha do coronel Teotônio Costa, um abastado comerciante e influente político do município de Esperança no Estado da Paraíba, conforme verificado em recortes do jornal *O Rebate*<sup>11</sup>. A família de Arlindo Colaço tem suas origens em Portugal quando três irmãos saem deste país e, desembarcam no Brasil mais precisamente no estado do Rio Grande do Norte e, cada um segue seu destino, pois um dos irmãos permanece neste Estado, outro vai para Paraíba e, outro para Pernambuco. O irmão que veio para Paraíba foi o senhor Manuel Antônio Colaço, avô de nosso personagem que traz ainda consigo a história de junto com o irmão terem pintado o teto da atual catedral de Campina Grande-PB. Conta-se ainda, conforme os relatos colhidos nas entrevistas que foi o senhor Manuel Colaço quem primeiro trouxe a máquina a vapor no seu engenho para Alagoa Nova, demonstrando assim sua influência.

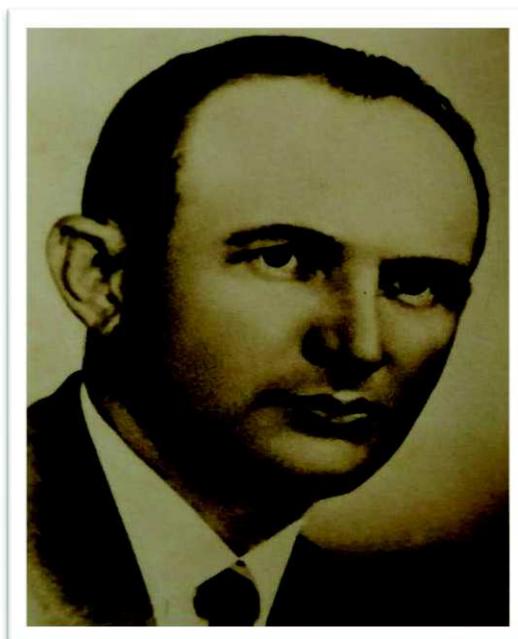
Arlindo Colaço era de uma família tradicional e detentora de poder na cidade, pois eram os donos do engenho Bonito que hoje se encontra em uma das terras mais desejadas por ser fértil e ter uma área de grande espaço, mais precisamente 220 hectares e, hoje seu atual dono é senhor João Dias. O personagem analisado teve de iniciar cedo seu caminho de grandes eventos já que teve de abandonar seus estudos em Recife-PE quando ocorreu a morte de seu pai e, veio para Alagoa Nova cuidar do engenho de seu pai. Apresentado nas fontes orais e documentais como um homem simples, fidalgo, amado, pois construiu casas de alvenaria para seus empregados e, assim também foi tido por não ter dado um “exemplo” a ser seguido por demais senhores de engenho da época. Além disso, os relatos colhidos o colocam como um homem de características humanitárias e de espírito nobre com relação ao talvez por seu segmento espírita e pode-se conjecturar também que surge aí a gênese da construção de

---

<sup>11</sup> Foi um importante Jornal da historia de Campina Grande que, surgiu em 1932 e durou até a década de 1960 fundado por Luiz Gil de Figueredo, Pedro D’Aragão e Eurípedes de Oliveira.

ódio a sua pessoa e, início de seu esquecimento<sup>12</sup> na história da cidade uma vez que, sua narrativa biográfica e seus feitos no campo político e religioso foram “negados” pelos autores da dita história oficial da cidade, pois nenhum autor de livro sequer toca no nome de Arlindo Colaço e, procuram assim suprimir a memória individual deste homem público, escritor e prefeito.

Assim nasce e dar seus primeiros passos alçando mesmo que inconscientemente a eternidade uma vez que suas obras procuravam refletir sobre as práticas do Catolicismo da época inclusive com críticas a Igreja de Roma. Inicia-se desta forma o caminho desse personagem reflexivo no que tange a seus escritos, público enquanto prefeito e misterioso por seu silenciamento na história da cidade e, que agora veremos os “rastros” destas memórias e se construirá a proximidade do que realmente aconteceu ou não.



Arlindo Colaço (1907-1957).  
(Disponível em arquivo pessoal da  
senhora Maria Helena).

Acima vemos a foto de Arlindo Colaço, que procurou ir além das práticas ditas normais onde muitos não falavam uma palavra contrária sequer, o mesmo escreveu livros com duras críticas ao Catolicismo. O nosso personagem sempre se portava bem trajado, isso bem explicado já que o mesmo era de uma família tradicional e detentora de poder e influência na cidade, mas mesmo assim o mesmo é apontado conforme verificado nas entrevistas efetuadas

---

<sup>12</sup> Conceito usado por Michael Pollack ao abordar a resistência que a memória dita esquecida faz a sociedade civil ou, em outras palavras a memória dita oficial no combate às memórias subterrâneas.

como um homem que tinha ares de simplicidade no trato para com seus semelhantes, pois o relato do senhor Ubirajara Costa que foi vizinho do centro espírita que Arlindo Colaço era doutrinador nos deixa claro conforme verificado em suas próprias palavras: “Arlindo foi um grande prefeito e, bem visto na cidade e como fidalgo falta adjetivos para falar dele”.

Arlindo Colaço era filho de uma elite rural de Alagoa Nova e casou-se em 6 de fevereiro de 1932 com a senhora Nauta Costa Colaço sem deixar filhos. Além disso, o mesmo é tido por arauto<sup>13</sup> nesta cidade por movimentar questões de importantes reflexões, como as críticas as práticas clericais, assim bem como, ser também notório na arte da oratória, no bem falar e expor idéias. Talvez temos nestas reflexões sobre a relação do homem com o divino e demais escritos seus um dos fatores de sua memória na história do município e da Paraíba terem sido esquecidos, pois como apontado como Pierre Nora(1993): “Tudo que hoje se chama de memória já não mais é esta e, sim agora é história” e, sendo assim é passível de análises profundas e, esse é um dos propósitos desta pesquisa, entender as causas da “renegação” de seus feitos na memória e história a que se refere esta pesquisa.

Ao analisar esta memória como história conjectura-se que ela se apoia inteiramente sobre o que há de mais precioso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro e, mais visível na imagem que é a materialização da memória pelos escritos e, pelas reflexões que os relatos trazem consigo. A memória faz de cada pessoa um historiador de si mesmo com seus relatos e sua interpretação do fato, mas o que tornar passível de estudo essas interpretações de mundo se resume naquilo que é apontado como os profundos “rastros” na história e, Arlindo Colaço fez e se refez nos permitindo construir um pouco do seu caminho para a eternidade dos escritos e reflexões.

### **Crescer...**

Arlindo Colaço cursava a tradição Faculdade de Direito do Recife, quando teve de voltar a residir em Alagoa Nova com 18 anos por volta de 1925 para cuidar da administração do Engenho Bonito após a morte de seu pai Zacarias Colaço. Após certo tempo já casado com dona Nauta Colaço, o mesmo já inicia seguramente seus passos nos âmbitos político, social e religioso que deixariam rastros de seus feitos até o dia de hoje e, que esta pesquisa irá procurar analisar e refletir de acordo com as fontes analisadas.

---

<sup>13</sup> Na Idade Média era o mensageiro oficial. Hoje nos vemos aplicação deste trabalho na figura do diplomata.



Convenção do P.S.D. realizada no Clube 21 de Abril no dia 15 de Setembro de 1957.

(Disponível em arquivo familiar da senhora Maria Helena).

O Dr. Pedro Tavares <sup>14</sup>foi reeleito presidente do P.S.D. e, Arlindo Colaço foi vice-presidente deste partido na cidade de Alagoa Nova conforme podemos verificar na foto acima já que é notório o mesmo se encontrar discursando, mas os relatos colhidos e fontes analisadas não trazem datas exatas de sua filiação e, início em sua carreira política, porém se sabe que o mesmo era um grande orador e acima o mesmo realizou a saudação aos convencionais e comitiva de Campina Grande representada pelo industrial Alvino Pimentel onde, o baile se prolongou até o dia seguinte e, contou com a presença da sociedade local, de Campina Grande e Esperança.

Arlindo Colaço não foi escolhido como orador por mero apontamento e, é descrito como alguém muito bem articulado em suas palavras não em vão, pois o mesmo, conforme relato do senhor Robério Colaço: “(...) comia livros e, tinha dia que para almoçar dava trabalho”, ou seja, aqui se nota que o mesmo não teve reconhecimento apenas por pertencer à família de uma elite rural, mas o próprio personagem vai a busca de novos horizontes para

---

<sup>14</sup> Foi um Juiz municipal nascido em 13 de Outubro de 1848, que em 1908 foi nomeado prefeito de Alagoa Nova na gestão de 1904 a 1908.

serem desbravados e, logo em atitude de alteridade o mesmo escreve suas reflexões, os seus livros que serão abordados mais adiante, e procura deixar rastros para que outros também possam se tornar agentes modificadores de sua realidade e promulgadores de sua história.

Arlindo Colaço enquanto homem político fez várias obras públicas na cidade e, como escritor tinha fortes inclinações quanto à arte e seus desdobramentos, mas antes de aprofundar esta temática a pesquisa propõe desde já demonstrar/refletir como a memória oficial ela segrega a memória subterrânea e procura muitas das vezes silenciar personagens na/da história. Análise a foto e chamo a vossa atenção para os quadros em branco.



Placa de homenagem a “todos” os prefeitos, exceto Arlindo Colaço e Benedito Barbosa que foi seu antecessor. (Disponível em Arquivo Público, Câmara de Vereadores de Alagoa Nova).

Esse lugar de memória <sup>15</sup>que deveria ter abarcado a todos os que já foram prefeitos para uma explicação dos sentidos material, simbólico e funcional de cada personagem, enquanto memória e realizações na ocupação deste cargo procuram fazer de Arlindo Colaço um “marginal” na história do município, pois sequer o mesmo tem seu nome incluso neste “todos”. Agora cabe a nós perguntar: Por quem? Por quê? São perguntas que serão respondidas ao longo destas páginas neste pequeno recorte temporal, que traz consigo grandes mistérios. Acredita-se assim que esta pesquisa já desempenha um de seus papéis funcionais que é de dar voz aos que foram silenciados na história dita oficial.

<sup>15</sup> Pierre Nora chama de Lugar de memória aquilo que evoca a recordação e, desperta a nostalgia dos indivíduos com suas experiências no tocante ao que aconteceu e, faz assim aquilo que ele chama de vontade de memória ao expor que esses lugares fazem-se recordar uma época já passada.

Os relatos colhidos tanto em fontes orais como em fontes documentais apontam apenas os meados de 1943 e 1945 para os anos em que Arlindo Colaço foi prefeito e, em nenhum local se encontrou a exatidão da época que o mesmo foi prefeito, mesmo em dado oficiais. Conjectura-se que, ele possa ter sido um interventor na época de Getúlio Vargas e, nomeado em Alagoa Nova por Ruy Carneiro e, só para reforçar o P.S.D. surgiu em 1945. Algumas fontes consultadas como os escritos do senhor Pedro Aquino, professor da cidade, colocam esse ex-prefeito como um político com fama de demolidor que teria destruído o Coreto<sup>16</sup> existente na cidade no ano de 1938, mas nessa altura o prefeito era Benedito Barbosa e, não Arlindo Colaço, ou seja, dentro do próprio relato existe a clara contradição que logo é revelada e, demonstra o quanto a memória pode sim ser construída baseada em interesse tanto de se dar voz (es) ou de suprimir(-las).

Arlindo Colaço enquanto político é apontado pelos relatos colhidos como um bom político e, admirado pelo povo. Dentre as suas obras enquanto prefeito se destacam algumas: O *manteigueiro*, como muitos assim chamavam o local que funcionava como uma espécie de lanchonete, um ponto de encontro na cidade, o Caz ou cas(Não se sabe ao certo) que foi uma construção efetuada de modo a dar maior segurança para a população que residia naquele local, pois existia uma barreira livre que poderia desabar a qualquer momento e, na administração de Arlindo Colaço foi realizada a obra para conter esse risco iminente, a reforma do Grupo Escolar Professor Cardoso foi realizada em sua administração por volta de 1945, à construção da Praça Manuel Tavares também foi realizada em seu mandato e, assim sua vida política é marcada exatamente por ser um prefeito que, conforme as entrevistas efetuadas que, se preocupava com o bem-estar da população e, assim esse locais de memória poderiam ainda se encontrar ao nosso alcance porém a sede por tentar silenciar este personagem na história do município não permitiu.

Abaixo vemos Arlindo Colaço em frente ao mantegueiro, obra realizada durante o seu mandato.

---

<sup>16</sup> É uma cobertura situada ao ar livre geralmente situado em praças com a função de reunião em público de festas ou romarias.



Arlindo Colaço e o Mantigueiro em meados de 1945.  
(Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

A expectativa da população com grandes feitos é percebida exatamente na alegria conforme se verifica na foto acima nos rostos das mulheres que estavam neste momento. Esse núcleo resistente de memória faz com que se possa analisar que a formulação deste personagem enquanto agente que construiu a sua memória frente a vários contrastes nos permite efetuar uma reinterpretação do passado que antes estava esquecido e, que agora se encontra sendo ainda que inicialmente, decifrado por meio de depoimentos colhidos e, arquivos pesquisados e levados a crítica documental possibilitando assim a conjectura do que realmente se fez e quem fez.

Na foto a seguir vemos a expressão do Caz(ou cas) que, foi carregado em couro de boi conforme relato do senhor Robério Colaço. A imagem mostra exatamente como era um espaço agora seguro para o trânsito das pessoas, veja:



A foto acima nos mostra o “Caz” que, fora construído por Arlindo Colaço na época em que o mesmo foi prefeito, em meados de 1945. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

Michel Pollack diz que no momento do retorno do oprimido não é o autor do “crime” que ocupa primeiro lugar entre os acusados, mas sim os que forjaram uma memória oficial e, ai vemos que Arlindo Colaço não foi apenas um homem de letras que muitos procuraram condena-lo ao esquecimento, mas sim um homem de realizações e, estas realizações são hoje trazidas a conhecimento público por meio desta pesquisa com intuito de demonstrar como a arte da escrita tem o poder de silenciar, mas também como esta mesma arte tem o poder de revelar quem arquitetou o silenciar deste personagem que, agora vem sendo revelado por meio destas linhas e, entender assim as suas reais intenções e, se alguns procuraram construir o esquecimento de Arlindo agora poderão ver que deram na verdade maior propulsão ao que antes queriam esconder, pois o que Pollack chama de não-dito <sup>17</sup> agora será revelado.

---

<sup>17</sup> Michel Pollack chama de não-dito aquilo que a memória dita oficial se ocupa em não demonstrar na formulação desta memória.

Abaixo agora vemos a foto do Coreto que alguns procuram colocar como responsável pela sua destruição Arlindo Colaço, mas como já esclarecido nas páginas anteriores na época de sua destruição o prefeito era Benedito Barbosa e, o Coreto foi derrubado em 1938.



Acima vemos a foto do Coreto de Alagoa Nova, um importante ícone, que fora destruído em 1938 por Benedito Barbosa. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

O Coreto é um monumento que remetia a reunião das pessoas e, também por que não dizer também de difusão de ideais e reflexões, mas conforme se verifica a memória oficial trata muita das vezes de aniquilar também as construções e suas memórias que muitos compartilham deste local. O que chama a atenção é a construção que se procurou fazer de Arlindo Colaço como um prefeito despreocupado com a arte e, se verifica exatamente o contrário, pois o mesmo não só se preocupou com a satisfação material das pessoas, mas também procurava fazer com que elas despertassem ideologicamente falando para que pudessem também se tornar agentes realizadores de sua história.

No âmbito social Arlindo Colaço é colocado por muitos dos entrevistados e, também nas consultas efetuadas nos recortes do jornal *O Rebate* quando ocorrida sua morte em 1957 como e, também conforme verificado em fotografias e demais fontes que, este personagem era um homem de grandes princípios, pois o mesmo sendo senhor de engenho não tratava com indiferença as demais pessoas que se encontravam ao seu redor ou que poderiam cruzar seu caminho. Assim também o mesmo também procurou ser alguém com espírito superior

ao se dedicar a refletir e escrever essas reflexões para que outros de alguma forma pudesse analisar a sua relação com o divino e, o próximo.

Arlindo Colaço defendia as construções de Padre Ibiapina<sup>18</sup> e, assim nos demonstra que nosso personagem procurava não só criticar de modo deliberado a Igreja, mas combater as práticas errôneas que havia dentro da mesma por parte do clérigo e, não a toma-la como um todo, ou seja, o mesmo era profundo ao criticar, mas também tinha a sensibilidade de perceber as boas realizações de alguns homens e, dentre esses homens alguns clérigos como o acima mencionado. Conjectura-se assim que o seu silêncio vai sendo agora através destas linhas sendo quebrado e, agora se ouve pelos relatos que o ser político e, social Arlindo Colaço começar a nos falar, ou seja, naquilo que NORA (1993, p.15) aponta ao utilizar o conceito de materialização da memória<sup>19</sup>, ou seja, a mesma vai sendo ouvida e, também construída no limiar historiográfico desta pesquisa.

Se “a memória dita e a história escreve” (NORA, pág.24.1993.) os efeitos de Arlindo Colaço no campo religioso é apontado pelos entrevistados e, pôde ser percebido na análise de alguns de seus escritos como algo que ainda hoje pode ser percebido como algo que levanta questionamentos sobre as relações com o sagrado por conta das reflexões que alguns de seus escritos provocaram e provocam e, que também deve ser passivo de constantes reflexões e cuidados tal qual para uma melhor interpretação como uma queimadura de terceiro grau profunda e, de difícil cicatrização. Utilizando essa metáfora da queimadura propõe-se a refletir exatamente a ferida aberta na história do município com a “retirada” de seus feitos dentro e fora da cidade e, suas reflexões que, conforme os relatos colhidos colocam como um escritor bem a frente de seu tempo.

Arlindo Colaço era espírita de linha Kardecista e, é colocado como um dos pioneiros na criação deste segmento na cidade como logo mais se verificará em algumas fotografias. Doutrinador do Centro Espírita da cidade, sua mulher Nauta Colaço era colocada como a médium<sup>20</sup> deste centro e, conforme os relatos do senhor Ubirajara Costa o mesmo ouvia as manifestações deste local, pois sua casa era vizinha e, desta forma pode-se ver uma resistência frente ao Catolicismo presente na época. Durante o dia Arlindo Colaço se colocava para

---

<sup>18</sup> Foi um Padre católico brasileiro, conhecido na Paraíba por sua obra missionária e, erguer casas de caridade.

<sup>19</sup> Pierre Nora ao falar deste conceito procura explicar que a memória se torna real, materializa-se agora nos escritos e, não apenas em lembrança de alguém que quando morre leva estes relatos consigo, mas pela materialização se dar a perpetuação dos fatos a dialética da reflexão historiográfica.

<sup>20</sup> A pessoa encarregada em uma reunião espírita de ser canal de comunicação dos espíritos com os seres humanos.

administrar o engenho, porém a noite se dedicava a seus escritos inclusive colocando os pés em uma bacia com água para não dormir e, assim se esforçava para refletir e, causar reflexão em tantos outros para analisarem os fenômenos ao qual estavam englobados e/ou envolvidos.

A foto a seguir mostra Arlindo Colaço à frente do Centro Espírita que foi derrubado conforme os relatos colhidos em entrevistas efetuadas por Rogério Martins em meados de 1951, também ex-prefeito da cidade de Alagoa Nova. O Doutrinador e exímio orador que foi este personagem procurava de modo incansável, segundo os relatos colhidos que as suas reflexões pudessem de alguma forma despertar a mudança de atitude por parte da cúpula da Igreja Católica, pois o mesmo combatia as idéias muitas das vezes impostas por homens mais interessados nos bens materiais dos fiéis do que no bem-estar destes e, proclamava uma mudança também nos homens e, sua relação de si com o Divino. A estrutura física do centro espírita se foi, mas esta foto consegue ao menos refletir a importância que estes escritos provocaram/provocam, pois o silêncio vai sendo quebrado por comprovações de seus feitos e, que são dignos de serem recordados e apresentados ao público.



Arlindo Colaço a frente do centro espírita da cidade de Alagoa Nova. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

O segmento religioso de Arlindo Colaço fez com que ele fosse envolvido na dicotomia do amor e ódio. Amado por seus admiradores no que se refere a seus escritos e irmãos no tocante a mesma prática religiosa, mas também odiado pelos alvos de suas críticas nos seus escritos e, por ele abalar as estruturas de indivíduos influentes na sociedade por meio de suas reflexões. Nota-se aqui inicialmente os motivos que vão dar base para compreender como este personagem foi silenciado e esquecido na história da cidade, mas este assunto será mais aprofundado no segundo capítulo desta pesquisa.

Arlindo Colaço não foi apenas influente na cidade de Alagoa Nova. Na foto que veremos a seguir veremos que em sua casa o mesmo realizava reuniões de cunho espírita e, assim demonstrava mais uma vez como era um homem influente além das fronteiras da cidade e, construía bem o caminho por onde o colocou como doutrinador do centro espírita de Alagoa Nova. Observemos a foto a seguir:



A foto data do dia 15 de Novembro de 1956, quando Arlindo Colaço ofereceu um almoço para os maçons vindos de João Pessoa. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

Arlindo Colaço, o sétimo homem da esquerda para direita, é apontado como um escritor de grande envergadura por muitos dos entrevistados e, verifica-se também essa afirmativa nos arquivos pesquisados como os recortes de jornal quando da notícia de sua morte. Um dos seus maiores combates era contra a afirmativa de que fora da Igreja Católica não haveria salvação, ou seja, o mesmo procurava apontar com isso os erros clericais há muito praticados por pessoas que compunham as camadas altas do Clero da Igreja. Arlindo Colaço considerava humilhante algumas práticas da Igreja como, ter de se ajoelhar aos pés do Padre para confessar seus pecados e, após ter ser “confessado” este alguém teria de cumprir penitências como forma de justificação e perdão por tal prática e, muitos dos seus escritos na verdade propunham uma relação de reflexão, de despertar deste sono da indolência e de efetuar essas práticas sem a devida interpretação do objetivo destes atos. Os livros escritos por este personagem procuravam na verdade “construir destruindo”, ou seja, construir novas atitudes e reflexões sobre o homem com o divino e, também destruir as obsoletas práticas impostas aos fiéis pela Igreja Católica.

O celibato dos clérigos também era um dos pontos de análise que Arlindo Colaço se propunha a refletir em alguns de seus escritos já que para ele um líder deve dar exemplo e, como um clérigo pode dar exemplo de pai de família se este não possui uma. Além disso, progredir sempre deveria ser uma lei a ser seguida pelos homens de pensamento e, sendo forte defensor do espiritismo que era ele vai dando os passos exatos para grandes atitudes que o farão ao longo da história um influenciador de gerações a sua frente.

Arlindo Colaço mesmo após a sua morte rompe fronteiras que talvez sequer imaginasse que fosse possível, já que suas críticas a alguns dogmas clericais se fizeram influentes de tal forma que os limites da cidade de Alagoa Nova não puderam conter as profundas reflexões deste escritor do espiritismo. Ao se efetuar apenas uma busca rápida na internet com seu nome não vai se verificar nenhum dado familiar, social ou político do personagem desta pesquisa, porém descobriu-se a existência de uma rua com seu nome, mais precisamente a Rua Arlindo Colaço, São Miguel Paulista, São Paulo-SP e, tal qual foi a surpresa(ou não) esta é uma rua de grande circulação de material e influência espírita hoje e, faz perceber que a relação deste homem com o presente é sentida exatamente na eternização de seus feitos, ou seja, o que é feito para a eternidade o silêncio não contém, pois na cidade de Alagoa Nova não há rua, avenida, logradouro, praça ou escola com seu nome.

## **CAPITULO 2: A MORTE DO CORPO E A ETERNIZAÇÃO DO ESPÍRITO. ESQUECIMENTO E RENASCER DE ARLINDO COLAÇO**

### **Morrer...**

Antes de detalhar a morte física de Arlindo Colaço, esta pesquisa propõe agora analisar como foi construído o seu esquecimento por conta de suas reflexões em relação a dogmas clericais e, sua forma de compreender o mundo, já que “progredir sempre”, era um dos lemas que este personagem procurou alcançar a cada dia em sua vida, seja por atitudes de caridade, obras feitas enquanto prefeito e pensamentos na figura de escritor, conforme é apontado nos relatos colhidos sobre a sua pessoa e, como muitos o procuraram silenciar por todos os meios possíveis.

Ao analisar os discursos, histórias e mistérios que este personagem é cercado surgem muitas indagações, mais precisamente a pergunta: quem o silenciou e por quê?. Quem dera fosse apenas esta pergunta a ser respondida nos rastros deixados por Arlindo Colaço neste seu caminhar histórico, pois a pergunta não se refere apenas a quem o procurou silenciar, mas como conseguiu manter por tanto tempo a marginalização de sua memória com a formulação de uma história dita oficial e, que segrega da memória social <sup>21</sup>este personagem. Esse núcleo resistente da memória frente à construção desta memória nacional nos mostra claramente como um olhar mais analítico vai nos fazer perceber os indícios<sup>22</sup> do crime ocorrido. O crime para ocorrer não precisa necessariamente derramar o sangue de alguma(s) pessoa(s), mas basta efetuar uma sangria contínua, não no corpo físico, mas na memória de várias pessoas, de um povo e, de uma população, no caso a do município de Alagoa Nova, do Estado da Paraíba e, também do Brasil, que tem assim um escritor que não é/era conhecido e, um prefeito(no tocante a Alagoa Nova) que sequer tem um registro seu na Câmara de Vereadores da cidade conforme apontado anteriormente, que diz ser em homenagem a todos os prefeitos um local de fotos para “todos” os prefeitos, mas que marginaliza exatamente Arlindo Colaço e, também seu antecessor o senhor Benedito Barbosa. A foto a seguir mostra com maiores detalhes a exposição do crime ao público da cidade:

---

<sup>21</sup> Assim como analisou Michael Pollack na relação de memória e identidade social, a memória social diz respeito a exatamente a construção deste fenômeno chamado memória e, o quanto a memória oficial pode e é construída e, o quanto ela é seletiva.

<sup>22</sup> Tal qual fez Ginzburg em *Mitos, emblemas e sinais* esses indícios (pistas) nos revelam como o crime ocorreu e, aqui o crime é o silêncio de Arlindo Colaço na memória de Alagoa Nova.



Acima a foto detalha exatamente o crime do silêncio contra a memória de Arlindo Colaço, pois coloca como que, antes do prefeito Antônio Leal da Fonseca em 1947 não tivesse nenhum prefeito. Assim vemos como a memória oficial deseja fechar no esquecimento a memória subterrânea. (Disponível na Câmara Municipal de Alagoa Nova).

Essa é apenas um dos retratos do silêncio que esta pesquisa procurou analisar, pois como alguém sendo prefeito possivelmente entre os anos de 1945 e 1947, além de escritor não tem algo em sua memória como uma praça ou nome de uma rua que remeta a sua contribuição? E não somente isso, pois a foto que agora será mostrada foi exatamente o que despertou o intuito de saber o que realmente aconteceu, os discursos envolvidos e, os que promoveram o silêncio e, o que deste mesmo silêncio foram alvos.

A foto a seguir mostra o contraste de idéias e debates, pois se de um lado vemos Arlindo Colaço estudioso e defensor do espiritismo, promulgador de reflexões sobre as práticas clericais e organizacionais da Igreja, do outro lado veremos o Monsenhor José Borges de Carvalho, clérigo conhecido por seus duros sermões e preservação dos bons costumes e, para surpresa do público(ou não) os dois dividem espaço de um palco, ou seja, estão juntos na apresentação de algo ao povo do município.



A esquerda da foto vemos Arlindo Colaço, defensor do espiritismo e das reflexões clericais e, a direita vemos Monsenhor José Borges de Carvalho conhecido na cidade por seus sermões ríspidos e defensor dos segmentos da Igreja. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

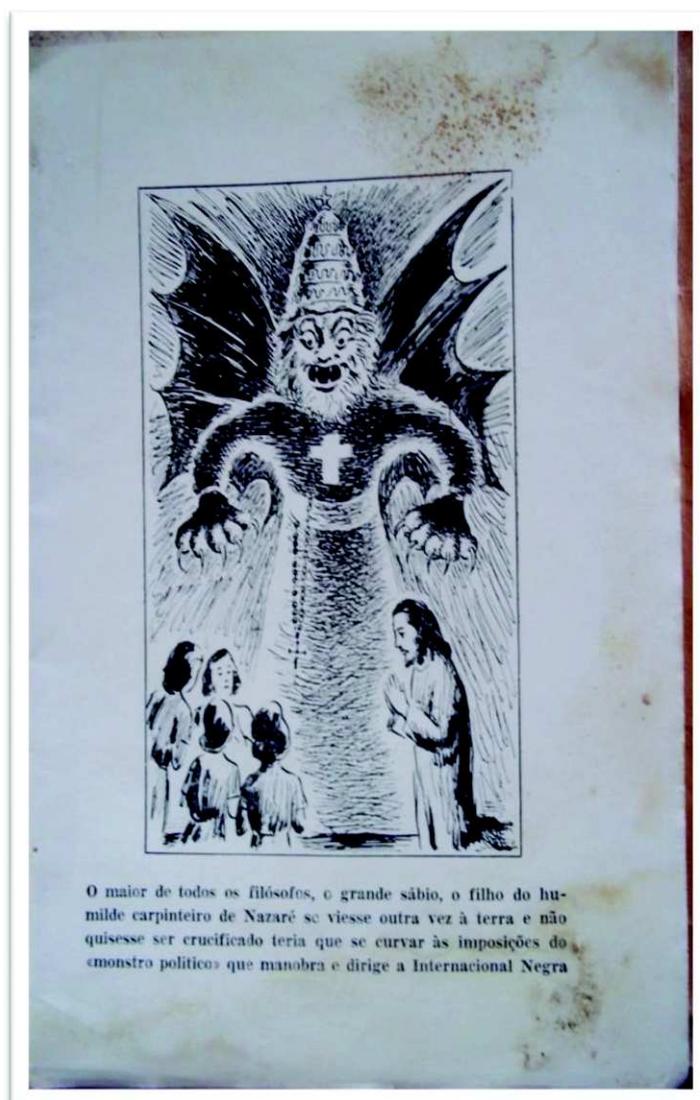
Ao analisar a foto acima se percebe que aquilo que Pollack (1989) chama de não dito na memória oficial pode-se notar aqui através da imagem fotográfica, ou seja, a imagem nos mostra mais do que realmente deseja. Os dois estão juntos em um mesmo palco, porém são protagonistas de histórias diferentes, pois enquanto um é silenciado na memória social da cidade (Arlindo Colaço), o outro (Mons. José B. de Carvalho) será o promulgador do silenciamento deste primeiro ainda que talvez de forma não direta, mas teve sua contribuição.

O Mons. José Borges de Carvalho era um clérigo de severas convicções e, sendo assim o mesmo não admitia muitas das vezes ser contrariado nos seus discursos e, prova disso é que o mesmo afrontava conforme verificado nos relatos colhidos em entrevistas Arlindo Colaço por seu segmento religioso e, isso claro não poderia resultar em outra consequência diferente do seu esquecimento na memória desta cidade. Nota-se que ser uma pessoa assumidamente espírita na década de 1940 e 1950 é algo que seria severamente reprimido e, no caso de Arlindo Colaço a punição foi seu esquecimento nesta cidade.

Como já foi dito que, o que é destinado para o eterno o silêncio não consegue conter e, isto ocorreu com Arlindo Colaço, pois mesmo tentando ser construída a renegação de sua memória aqui se faz conhecida apenas uma parte de suas contribuições nas áreas política, social e religiosa. A morte da memória que procuraram colocá-lo se deve exatamente as novas posturas e reflexões que ele procurou apresentar, em um período em que as mentes se encontravam enclausuradas pelos ensinamentos dogmáticos religiosamente demonstrados pelos clérigos e, que não se abria espaço para diálogos e, tal qual se fez, se construiu cárceres de recordações para calar sua voz não só em seus escritos que foram publicados, mas também na sua memória para que jamais fosse lembrado, porém o intuito foi alcançado apenas por um tempo, pois agora se revelará alguns mistérios.

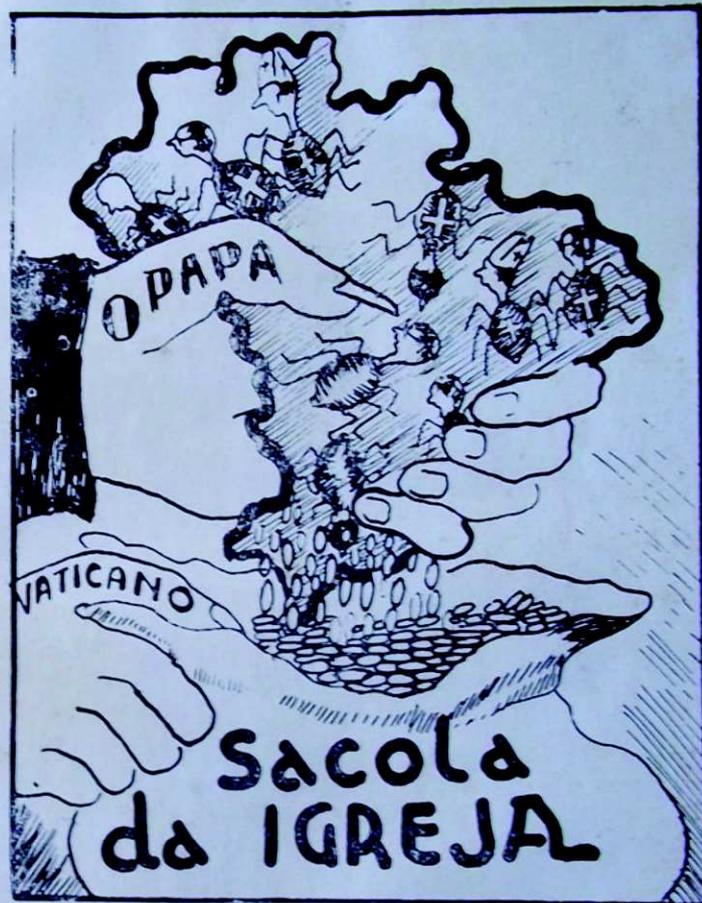
Atacar a postura da instituição chamada Igreja Católica no século XX teve um preço para Arlindo Colaço e, este preço foi seu esquecimento momentâneo, até a publicação desta pesquisa, porém os vestígios deixados por ele, seus códigos, seus rastros levaram a causa de seu esquecimento que como já fora mencionado foi sua postura de escritor e estudioso do espiritismo frente ao catolicismo dominante desta época.

Arlindo Colaço procurou criticar também o poder de influência que os clérigos exerciam sobre a vida das pessoas. Um dos trechos do livro *Nesta Marcha Eles Vao Até Honolulu* ele procura refletir sobre a obediência sem reflexão que teria de ser feita em relação aos clérigos, pois não se poderia questionar os pensamentos destes indivíduos tidos como “exemplo” para as demais pessoas da sociedade, mas este personagem ataca de forma veemente essa postura. Analisemos a imagem a seguir:



Acima vemos a representação do poder “incontestável” dos Clérigos que Arlindo Colaço procurou debater. (Disponível em arquivo público Acervo Átila Almeida, UEPB, Campina Grande).

Arlindo Colaço procurou também levantar questionamentos sobre a postura da Igreja Católica no tocante a obtenção de dinheiro para manutenção desta obra. Nosso personagem coloca que, são apenas formas de obter dinheiro e, sem retorno para quem faz essas doações e, “sugarão” até não restar mais nenhum centavo. Analisemos a foto a seguir retirada do livro *Queremos Revolução* (1950) de Arlindo Colaço:



Não será sem grande luta, nem tão facil aos clericas  
romanos soltarem essa prêsã colossal — O Brasil, que  
rende anualmente milhões ao Vaticano.

Estão sugando, mamando e o chefe vae ordenhando  
a uberrima vaca leiteira.

E não ficará no fim nem um centavo.

A “mão” da Igreja Católica sobre os fiéis.  
Arlindo Colaço critica a forma da  
obtenção do dinheiro. (Disponível em  
arquivo público Acervo Átila Almeida,  
UEPB. Campina Grande).

Arlindo Colaço diz que, propaga uma doutrina revolucionária contra as mentiras clericais para que assim a Igreja reflita e, volte a praticar a Democracia apostólica cristã que, segundo ele aponta é: sublime, perfeita, humanitária e desinteressada de bens materiais, além disso, ele fala também que o mártir do Gólgota, ou seja, Jesus Cristo, foi exemplo para todos junto com os seus discípulos, os Apóstolos, mas que a Igreja foi perdendo a simplicidade quando os homens ambiciosos começaram a acrescentar a estes ensinamentos práticas pagãs e, deixaram os ensinamentos do Messias.

Arlindo Colaço fala também neste livro que o desejo de revolução não é com características sangrentas, cruéis e sem a devida sensatez, mas sim uma revolução capaz de influenciar gerações a frente com práticas humanitárias em relação ao próximo observando e exercendo assim a verdade descrita nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Os lugares de memória<sup>23</sup> nos fazem perceber exatamente a construção de esquecimento de Arlindo Colaço, pois seus escritos sobre o espiritismo, suas obras enquanto prefeito e, suas reflexões enquanto homem de ação e escrita nos deixam claro que procuraram silenciá-lo, porém as memórias colhidas nos relatos efetuados reconstruíram o que havia sido construído e condenado ao esquecimento e, agora se faz conhecido de todos.

Este escritor do espiritismo também era um grande orador conforme os relatos colhidos e, assim também como homem publico muito sabia se expressar. A foto abaixo mostra que Arlindo Colaço também era um homem de discursos e, como se portava ao apresentar suas ideias.

---

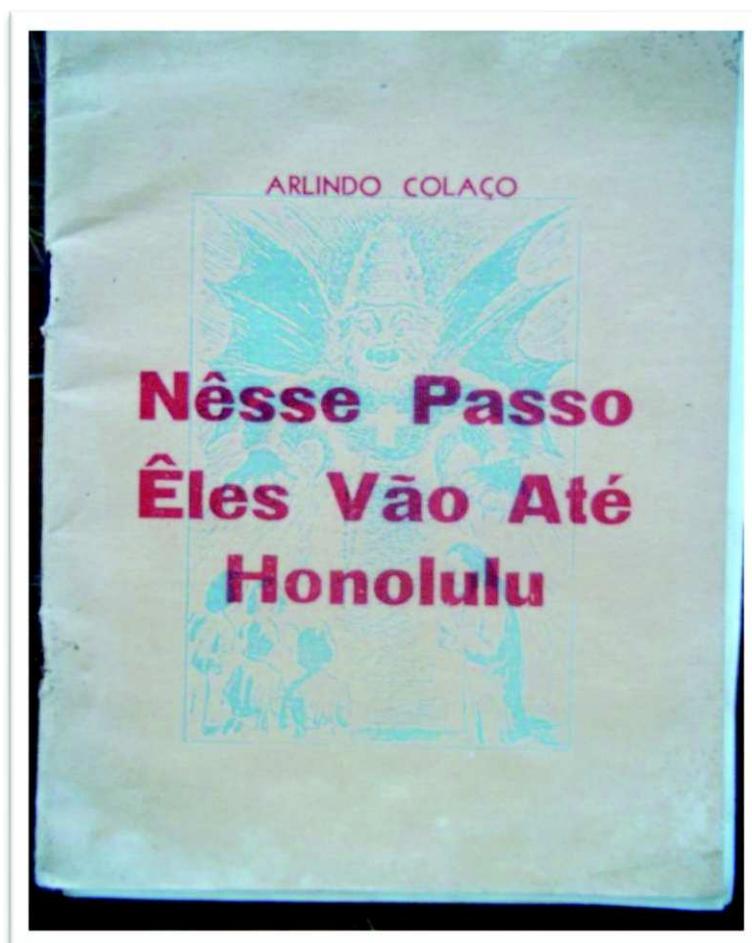
<sup>23</sup> Pierre Nora lembra que são antes de tudo restos e, nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea e, esses locais despertam a nostalgia do que já se viveu e, permite assim ser reconstruído a cada recordação.



Arlindo Colaço discursando para o povo da cidade em meados de 1945. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

Os escritos de Arlindo Colaço provocaram um grande abalo na Igreja Católica, pois ao criticar estas posturas clericais este personagem abriu espaço não só para reflexão da organização da Igreja, mas também para a reflexão do homem consigo mesmo e, com seus semelhantes. Analisemos agora algumas de suas obras e, como isto se tornou base para seu esquecimento na história da cidade, do Estado e do país.

Segue abaixo a foto da capa de um dos seus livros: *Nêsse passo êles vão até Honolulu* (1950), em que nosso escritor critica duramente a postura da Igreja em relação à forma de administração do dinheiro e, como estes valores são obtidos dos seus fiéis. Mesmo sendo senhor de engenho Arlindo Colaço é colocado conforme os relatos colhidos como um homem simples e, que não efetuava acepção de pessoas, mas para com ele procuraram exatamente calar a voz da reflexão. Analise a capa do livro e, procure também entender a perspicácia do autor:



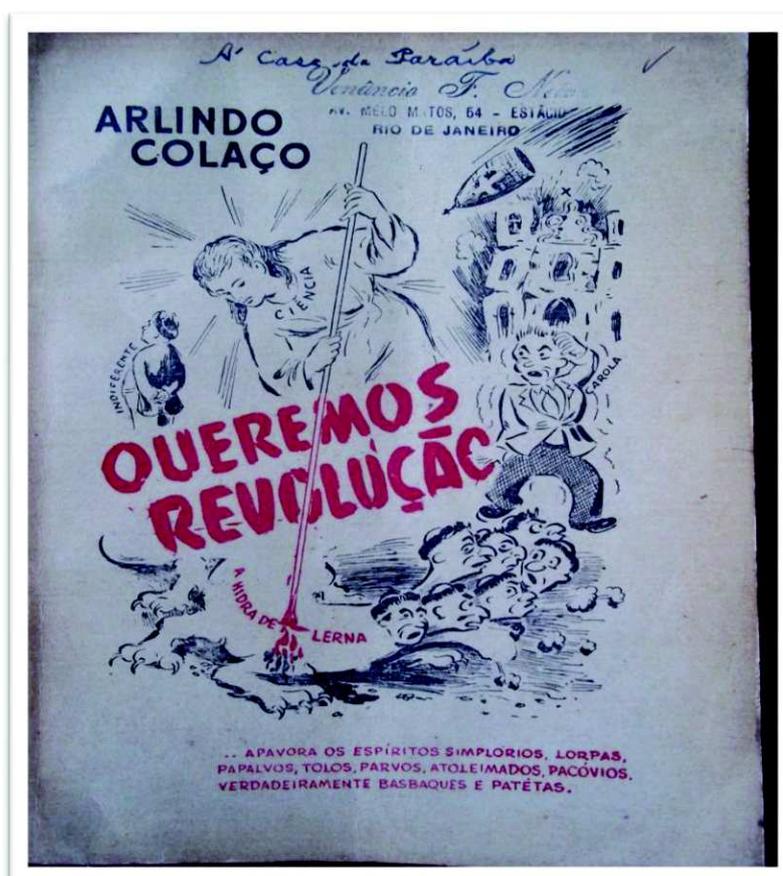
Acima a capa de um dos livros de Arlindo Colaço. Chama a atenção a figura utilizada atrás das palavras. (Disponível em arquivo publico Acervo Átila Almeida, UEPB,Campina Grande)

Sabia-se inicialmente que Arlindo havia escrito ao menos algo em torno de 3 ou 4 livros, porém durante a pesquisa descobriu-se que ele compôs mais livros com os títulos: *Defesa que mais condena*(1934), *Domínio Nefando*(1937), *Queremos revolução*(1950), *O Padre, a confissão e o celibato*(1956), *O caso do petróleo(s/a)*, ou seja, este personagem não foi apenas um prefeito de uma cidade do brejo paraibano, mas foi um profundo escritor do espiritismo e, doutrinador espírita de grande oratória, influência e reflexão que, o esquecimento construído não pôde conter.

As obras acima citadas algumas se encontram disponíveis no Acervo de Obras Raras Átila Almeida na UEPB em Campina Grande-PB e, algumas obras também se encontram

disponíveis na Estante Virtual para venda e, por serem livros antigos tem o valor aquisitivo alto.

Abaixo vemos mais uma obra de Arlindo Colaço e, também chama a atenção que a capa do livro já é uma reflexão sobre a crítica que ele efetuava a postura clerical, e como ele desejava fazer uma revolução nas ideias e práticas dos clérigos em relação a seus fiéis, de modo que eles voltassem a praticar a simplicidade do Cristianismo primitivo e, procurasse seguir o exemplo de Jesus Cristo e, seus discípulos, os apóstolos no tocante ao desapego as coisas materiais e no amor ao próximo. Analisemos a foto a seguir e veja:



Acima vemos mais uma capa do livro de Arlindo Colaço e, suas análises das práticas clericais. (Disponível em arquivo publico Acervo Atila Almeida, UEPB, Campina Grande).

Mesmo diante de tantos vestígios, locais de memória, arquivos escritos procuraram sentenciar Arlindo Colaço ao esquecimento, pois não foi apenas a morte da memória que quiseram impor a Arlindo Colaço, mas também a morte física que, também é cheia de mistérios. Mistérios esses que vão sendo interpretados pelos rastros deixados por ele.

A morte não é o fim e, sim apenas o caminho para eternas ações e, foi o que ocorreu com Arlindo Colaço no dia 26 de Dezembro de 1957 depois de ter se dirigido a São Paulo para se tratar uma leucemia, quando o mesmo retornava de viagem para tratamento de uma leucemia que, nele se manifestou de modo diferente já que atingiu seus glóbulos brancos e, morreu de retorno nos ares de Lagoa Santa, Minas Gerais e, assim, sua vida terrena vai saindo de cena e entra agora o protagonismo para a eternidade por seus escritos realizados e, seu legado deixado.

Como se não bastasse o sofrimento da perda de um exímio escritor e, grande prefeito que os relatos colhidos nos falam teve ainda pessoas que tripudiaram de sua morte, pois o Mons. José Borges de Carvalho falou, segundo os relatos colhidos em entrevistas realizadas, que o “cupim” o havia comido e, desta forma o propagador de discursos duros se torna também insensível à dor alheia.

Sua morte foi noticiada em várias páginas de jornal dentre eles o *Rebate* e, tivemos acesso a exatamente alguns recortes com homenagens a Arlindo Colaço, por seus escritos, por sua amizade e, pelo grande homem que foi e, que muitos tentaram construir seu esquecimento, porém não conseguiram.

A memória de Arlindo Colaço que, ates foi silenciada por muitos anos agora surge com esta pesquisa realizada, pois procurou se apresentar a construção deste esquecimento e, assim foram mostrados os reais motivos desse feito. Além disso, se mostrou também como esse escritor do espiritismo conseguiu conquistar amigos e, também despertar os inimigos que, logo procuraram calar esta voz da revolução e, por certo tempo, porém como antes fora dito o que é para ser eterno o silêncio não pode conter e, nestas linhas pôde-se demonstrar como a memória é seletiva e, procura muitas vezes efetuar o silêncio para conter as verdades.

Abaixo alguns recortes de jornal com grandes declarações de carinho por sua pessoa como escritos e prefeito e, também como a dor da partida sem o direito do adeus foi sentida por tantos indivíduos que puderam ter o prazer de dialogar com Arlindo Colaço.

## No Céu

Abrimos hoje nesse espaço para acolher uma sentida homenagem ao saudoso escritor Arlindo Colaço, sintetizada no vibrante poema que aqui vai publicado, de autoria de um seu amigo.

Nem sempre vence a glória do saber,  
Na grandeza espiritual que tem,  
Nem sempre vence o mal e sim o bem,  
Numa longa existencia a percorrer.

Nem sempre vence o orgulho o seu intento,  
Nem sempre vence o amor com egoísmo,  
Nem sempre vence a vida com civismo,  
Dando asas e vigor ao pensamento.

Pois, mesmo que se queira engrandecer  
E dar um colorido diferente  
A' lucidez do nosso pensamento,  
Qual sombra de mistério e de terror,  
Nosso destino corta bruscamente,  
Traçando em nossa vida o grande amor  
Daquela que viveu com humildade,  
E que, chelo de luz, morre inocente,  
Trocando a Vida pela Eternidade.

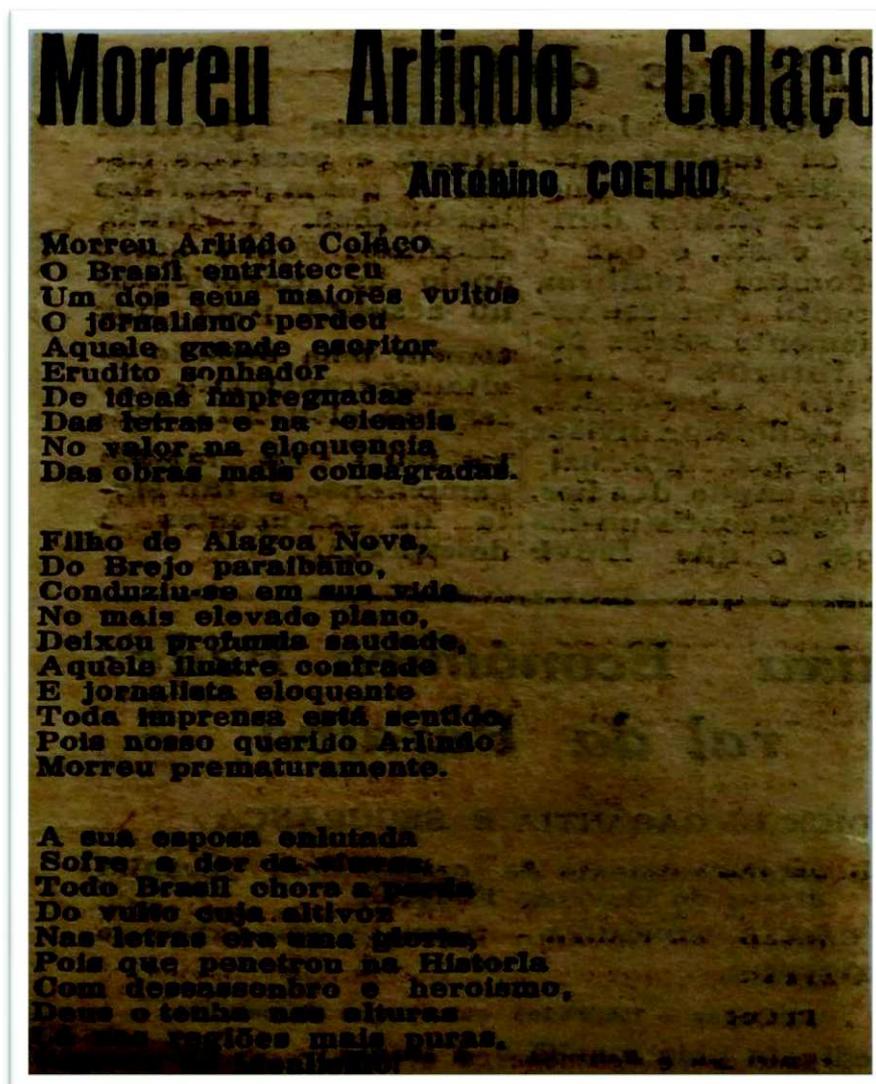
Perdeu o Espiritismo, com saudade,  
Na terra, o grande amigo e defensor  
Do mestre Allan Kardec, — o sonhador  
Duma vida de amor e caridade.

E tu, ARLINDO, foste com certeza  
Gozar no Céu a pez da eterna Glória,  
Deixando um mundo chelo de incerteza  
E toda uma existencia para a História...

Miguel Germano FILHO

Acima retrato de jornal de Miguel Germano quando da notícia da morte de Arlindo Colaço. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

Abaixo vemos agora outro recorte de jornal que trata de Arlindo Colaço em parâmetro nacional e, o aponta como um “gigante do Idealismo”, nas palavras de Antônio Coelho:



Com versos profundos e nostálgicos Antônio Coelho descreve a influência e saudade de Arlindo Colaço. (Disponível em arquivo pessoal da senhora Maria Helena).

Cristino Pimentel <sup>24</sup> e Epitácio Soares <sup>25</sup> também deram sua concepção sobre Arlindo Colaço, seus feitos e sua obra que de modo tão ímpar influenciou e, leva a reflexão tantas pessoas que tiveram contato com este personagem enquanto contemporâneos de sua pessoa e,

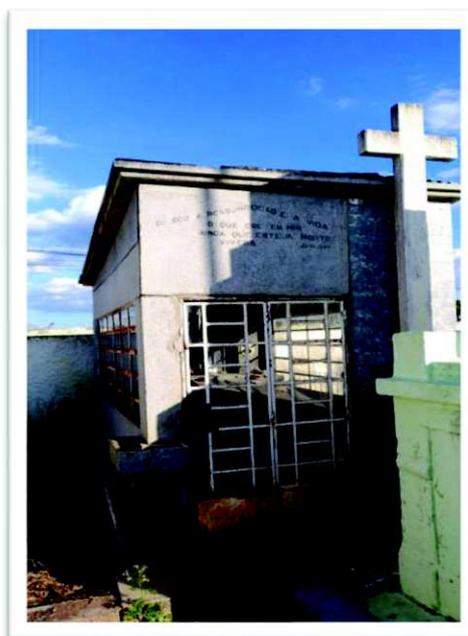
<sup>24</sup> Nascido em 22 de Julho de 1897 foi um escritor e historiador da cultura de Campina Grande-PB. Morreu em 31 de Dezembro de 1971 e, foi contemporâneo de Arlindo Colaço.

<sup>25</sup> Foi um jornalista de Campina Grande-PB e, também contemporâneo de Arlindo Colaço.

hoje têm esse contato através de seus escritos. Cristino Pimentel fala dele como um combatente espírito e, escritor incisivo que, Ditaduras e Impérios o temiam e, coloca que seu maior mérito era a convicção, além de homem de pensamento e, instrumento do Divino. Epitácio Soares fala de Arlindo Colaço como um homem de sensibilidades e, o considerava como um grande amigo.

Assim foi sepultado no dia 27 de Dezembro no cemitério do Senhor da Boa Sentença em João Pessoa-PB Arlindo Colaço apresentado por muitos como, grande prefeito e, apontado por tantos outros como, um grande estudioso do espiritismo. O mesmo devido a patologia que o acometeu não foi permitido inicialmente que ele fosse sepultado em sua terra natal Alagoa, mas depois de certo tempo sua esposa e, a partir deste momento, viúva senhora Nauta Costa trouxe os seus restos mortais para esta cidade e, enterrou no cemitério São Miguel construído em 1855.

Abaixo a foto atualmente do túmulo de Arlindo Colaço, que fora destinado a mais parentes da família, o pai Zacarias Colaço, senhora Yaya Colaço, Carmínio Colaço, mas como se sabe alguns outros parentes fizeram modificações neste local e acrescentaram algumas frases e homenagens.



Túmulo de Arlindo Colaço hoje.  
(Disponível em arquivo próprio).

A morte de Arlindo Colaço não marcou um fim de uma vida em si mesma, mas marcou sem dúvidas a sua entrada para a memória de um povo, pois mesmo diante de tentativas de construiu o seu esquecimento, nosso personagem demonstra que ele de fato “construiu destruindo” e, agora destrói o silêncio e constrói sua voz na história.

### **Renascer...**

Assim como nas cinzas de uma fogueira ainda restam brasas, aqui nestas cinzas históricas ainda restam o desejo de renascer e, isto foi o que Arlindo Colaço nos mostrou que é possível fazer já que seus feitos o notabilizam de uma forma que, a morte da sua memória que procuraram efetuar apenas por seu segmento espírita não foi alcançado em sua totalidade, pois vemos nesta construção historiográfica no tocante a seu silêncio que estes locais de memória o fazem como bem diz a frase acima renascer ainda em meio a um momento em que todos acham impossível reverter, a morte, porém Arlindo Colaço vai mais além e, de fato não só renasce como ainda segue progredindo sempre.

O tema desta pesquisa foi uma adaptação realizada a frase que, é atribuída a Allan Kardec apontado como o fundador do espiritismo e, assim como na frase esta era a lei que dirigiu toda a vida de Arlindo Colaço, influenciou em sua escrita e, o tornou o homem da ação que lutou mesmo após a morte através de seus escritos contra a memória oficial que procurou sepultá-lo ao esquecimento, mas vemos exatamente o que Pollack (1989) chama de núcleo resistente da memória, ou seja, mesmo diante desta seleção feita por muitas pessoas e, que tentaram colocar este personagem a margem da história nota-se que essa resistência memorialista soube se impor perante aos discursos oficiais que, procuravam silenciar esta voz.

Este renascer ainda, se faz na materialização da memória de Arlindo Colaço, através dos livros escritos por ele e, também das obras que este realizou enquanto prefeito de Alagoa Nova e, que foram destruídos conforme verificamos anteriormente seus autores. Se a memória dita e a história escreve, esta pesquisa mostra que a história oficial escreveu, o que a memória de Arlindo Colaço não ditou, porém agora por esta linhas nota-se o que a memória deste personagem ditou porém história não escreveu, mas o faz agora nesta atitude de nova chance dada por, agora sim escrever o que a memória falou e, fala.

O Renascer ainda de Arlindo Colaço nos é mostrado também em relação ao espiritismo, pois a morte não é um fim em si mesma e, sim apenas uma passagem contínua de noções repassadas e, conhecimentos aprendidos para alcançar a eternidade. Aqui esse renascer foi realizado dando voz ao que fora silenciado e, demonstrando como a memória dita oficial é seletiva, porém os rastros deixados nos permitiram reconstruir os indivíduos responsáveis pelo silenciamento deste personagem e, o porquê dele ser sentenciado sem ao menos ser ouvido.

O silêncio foi quebrado e, a voz de opressão agora é a voz de protagonista da história, pois Arlindo Colaço fala através de seus feitos que não basta apenas renascer, mas progredir sempre e, mesmo após a morte e, isto foi o que ele fez. Progredir sempre se fez na eternização de sua memória pelas suas realizações enquanto prefeito e, também enquanto escritor do espiritismo.

Estes lugares de memória que antes de tudo nos falam de “restos”, restos de memória, restos das boas recordações e, restos da nostalgia do tempo de outrora, mas com sentimento de continuidade, permitiu constituir a proximidade do real acontecido e, nos mostrou que mesmo diante do esquecimento construído é possível renascer ainda e, progredir sempre, pois afinal a memória enquanto tomada como história faz perceber on individual a implementação do coletivo e, Arlindo Colaço mostrou que a morte é apenas o primeiro passo em direção a eternidade dos feitos que se prolongarão por suas influências e significações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas das perguntas realizadas durante a pesquisa como a causa de seu silenciamento por conta de seu segmento espírita, a destruição dos seus feitos realizados enquanto prefeito e escritor e, como desses mesmos locais a sua memória precisou apenas ser ouvida para que pudéssemos compreender este silêncio e, esquecimento ditado durante muito tempo pela memória oficial e, que agora, vai sendo relativizada por meio desta pesquisa.

Com essas perguntas respondidas, pelo menos até onde alguns fatos permitiram, surgem outras, como por exemplo: que influências Arlindo Colaço tem em São Paulo para ter uma rua em seu nome ? o que o notabilizou além dos limites da cidade de Alagoa Nova para todo o Brasil ? e, como seus escritos ainda causam incômodos nos alvos de suas reflexões ?

Estas são apenas algumas perguntas que serão base para o aprofundamento desta pesquisa que trarão novas indagações, pois o que é feito para ser eterno o silêncio não contem.

Conclui-se, portanto que a memória é seletiva e, o silêncio é na maioria das vezes construído e, prova-se isso, pois o presente trabalho já trouxe consequências fora do âmbito acadêmico, pois a foto destinada a “todos” os prefeitos analisada no capítulo 2 no qual não se encontravam todos os ex-prefeitos da cidade de Alagoa Nova, em breve terá a inclusão do personagem desta pesquisa Arlindo Colaço e, mostra como a história pode sim modificar e, influenciar o presente e, ter assim novas atitudes para o futuro de novas gerações que, agora saberão quem era este homem e, o impacto de suas realizações como escritor e, também como prefeito.

Este estudo apenas se encontra em seus passos iniciais, pois o objetivo é continuar com as conjecturas desta época com seus silenciadores e, os silenciados com suas causas e, também consequências e, buscar ainda os muitos não ditos sobre este personagem e, em um futuro próximo tem-se o objetivo de pós graduação dando continuidade a outros elementos de sua vida, obra e realizações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GINBURG, Carlo, **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Águiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NORA, Pirre, **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 1993.
- POLLACK, Michael, **Memória e Identidade Social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, pag. 200 a 212, 1992.
- POLLACK. Michael, **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, pag. 03 a 15, 1989.
- COLAÇO, Arlindo, **Defesa que mais condena**. .1934
- COLAÇO, Arlindo, **Domínio nefando**. Rio de Janeiro, Fed. Esp.Bras.,1937
- COLAÇO, Arlindo, **Nêsse caminho eles vão até Honolulu**. Alagoa Nova. 1950.
- COLAÇO, Arlindo, **O padre, a confissão e o celibato**. Alagoa Nova.Da bibliot. Zamenhof. 1956.
- COLAÇO, Arlindo, **Queremos revolução**. Alagoa Nova,PB .1950
- SALES, José Borges de, **Alagoa Nova: Notícias para sua História**. Fortaleza-CE, Gráfica Editora R. Esteves TipoprogressoLtda, 1990.

FONTES: Maria Helena Brasil e Assunção, Robério Colaço Maracajá (05-09-2017).

Maria Helena Brasil e Assunção, Robério Colaço Maracajá (04-10-2017)

Ubirajara Vieira Costa (20-10-2017)